

Governador entrega 4,5 mil bolsas-escola em Samambaia

Glauco Dettmar

O professor Cristovam Buarque, governador do Distrito Federal, não conseguia esconder sua alegria, ontem, no final da manhã, durante a entrega de 4,5 mil bolsas-escola a famílias de Samambaia.

Acompanhado pelo juiz de menores do Rio de Janeiro, Ciro Darlan, que obrigou a prefeitura carioca a pagar o mesmo benefício a 40 mil famílias, Cristovam se orgulhava de já ter conseguido atender a quase 15 mil famílias.

“Muita gente disse que era demagogia”, lembra Cristovam. “Esse programa não é para ajudar crianças a ter dinheiro, mas para ajudar a terem escola”, enfatiza.

“A grande conquista é aproximar os pais da vida escolar dos filhos”, comemorou o secretário de Educação, Antônio Ibañez.

Bandeiras do PT para todos os lados, fogos de artifício, mulheres, crianças, líderes comunitários e um locutor cheio de animação. O estádio de futebol de Samambaia estava uma festa.

Emoção — Cristovam não conseguia esconder sua emoção. “Não estou, como governador, fazendo um favor para vocês. Vocês é que estão fazendo uma favor para o Brasil colocando suas crianças na escola”, disse.

Em tom professoral, ele deu um recado curto e grosso aos pais. “Se faltar mais de duas aulas por mês, vamos cortar a bolsa. Isso é como trabalhar, tem que bater ponto e ir para escola”, ensinou.

A empolgação do governador foi tanta que ele chegou a incentivar as mulheres a terem mais filhos. “Menino é pra fazer mesmo”, aconselhou.

Depois de distribuir beijinhos e abraços, O sorridente Cristovam foi parado por uma chorosa senhora que não foi contemplada com a bolsa-escola.

Dona Maria Claudina Alves Soares, 46 anos, mãe de duas crianças, uma de oito e outra de dez anos, contou ao governador seu pedido de bolsa foi recusado. Com as mãos trêmulas e lágrimas correndo no rosto, ele queria uma solução.

“Meu marido é pintor, mas está desempregado. Eu vendo produtos da Avon, mas aqui ninguém compra”, tentou explicar. Atento, Cristovam ouviu e afagou a senhora. Sem poder fazer muita coisa, aconselhou:

“Procure a diretora da escola e recorra.” Assim, como dona Maria, outras mulheres queriam a ajuda do governador para garantir o benefício.

“O governador nem faz parte da comissão que escolhe os beneficiados”, tentou explicar.



Maria Claudina Soares pediu ao governador para ser incluída em uma das 4,5 mil famílias beneficiadas na cidade

ENTREVISTA/ Ciro Darlan

Até a semana passada, o juiz de menores Ciro Darlan, 45 anos, da 1ª Vara da Infância e da Juventude, era conhecido pelo tratamento dado a jovens infratores. Depois de obrigar a prefeitura do Rio a pagar a 40 mil famílias carentes uma bolsa-escola, ele ganhou a fama de ousado.

Correio — No que se baseou a sua sentença?

“É dever de todos os governos, especialmente os municipais, assegurar bolsa-auxílio e bolsa-escola, como o governo está implantando aqui”.

Correio — O senhor o governo de Brasília está certo?

“Está respeitando os direitos fundamentais da criança. Um povo sem educação é um povo voltado para a violência, para as injustiças sociais. Um povo educado, é um povo mais esclarecido, menos violento”.

Correio — O governador foi acusado de demagogo quando lançou essa idéia. O que o senhor acha

disso?

Todas as vezes que a gente cumpre desígnios legais em benefício do povo, vem essas pessoas dizendo que são decisões demagógicas. A minha decisão apenas vivifica a letra da lei que diz que a educação é direito da criança”.

Correio — O que o senhor acha que ainda deve ser feito para resolver o problema dos meninos de rua?

A minha sentença diz que devem ser implantados abrigos para retirar essas crianças da rua. O desejável é o que também está sendo feito pelo governo do Distrito Federal: dar condições à família biológica da criança para que ela retorne ao lar”.

Correio — O senhor acha que sem essas medidas a situação dos menores de rua em Brasília pode ficar caótica?

Esse programa é uma prevenção para que não aconteça em Brasília o que hoje é realidade no Rio”.